

ESPAÇO PÚBLICO

Os artigos publicados nesta secção respeitam a norma ortográfica escolhida pelos autores

EDITORIAL

Público A ciência contra o caos urbano

Há um retrato matemático da desordem das megalópoles. E tem lições preciosas para o futuro

Um estudo das Universidades do Minho e de Lisboa, que noticiamos nesta edição, mostra-nos como a ciência consegue dar um retrato preciso e orgânico do caos urbano e talvez dar-nos ferramentas para o prevenir. Recorrendo a critérios matemáticos, o estudo analisou a evolução da zona da Grande Lisboa a norte do Tejo entre 1960 e 2004. Um horizonte temporal no qual encaixa o início do grande êxodo do campo para a cidade, o tempo dos bairros da lata e dos bairros clandestinos, em que os subúrbios semi-rurais da capital começaram a transformar-se nos espaços urbanos desordenados e asfixiantes que são hoje. O estudo da equipa liderada por Jorge Pacheco mostra como era possível antever as zonas suburbanas que iriam iriam crescer

mais. E também nos permite prever que esse processo está longe de ter acabado. A observação relativa a 2004 identificava com clareza como a construção de uma auto-estrada até à Ericeira iria abrir espaço a mais construção. E mostra como a zona noroeste da Grande Lisboa, a chamada zona saloia, está neste momento sob ameaça do caos urbano. Ainda vamos a tempo de evitar o pior e de impedir que a sede de construir de uma economia e de um universo autárquico há muito dependente do betão (e da corrupção ligada ao betão) cause mais estragos.

Em si mesmo, o estudo é como uma aula da história urbana. Trata-se de um exemplo de excelência da ciência feita em Portugal que poderá vir a ser aplicado noutras cidades do planeta. O modelo desta equipa multidisciplinar mostra que esta forma caótica, que os autores definem como “metaestática”, é aplicável a cidades como Londres ou Tóquio. O mundo desenvolvido não escapa a esta síndrome da desordem urbana. Valha-nos isso, ao menos. Sejamos também nós, e não apenas outros, a tirar partido da lição sobre o caos que este estudo representa.

O “novo fôlego” do terror irlandês

Cedo ou tarde teriam de reaparecer: os que na Irlanda do Norte nunca se conformaram com o actual cenário de paz e de entendimento político (aquele que foi possível estabelecer com o Sinn Féin e que os radicais atribuem a “falhas na liderança do nacionalismo irlandês”) vieram agora anunciar uma nova era de trevas. Com uma conferência de imprensa caricata, algures na fronteira irlandesa, sem direito a gravações e com um comunicado que foi queimado depois de mostrado aos jornalistas para que estes tirassem notas. Não é por acaso que este “novo fôlego” do espírito do terror ocorre no início dos Jogos Olímpicos de Londres. O anúncio de uma “liderança única” para a nova estratégia terrorista antibritânica e, na prática, também anti-irlandesa, deve ser recebido como merece: com desprezo. Se a Irlanda do Norte aprendeu algo, nestes anos de sangue, foi a não servir de cobaia a novos messias sanguinários. E a usar a democracia como única arma digna.

CARTAS À DIRECTORA

O que me evocou o artigo de António Melo dedicado a Helena Cidade Moura

No valioso e muito interessante artigo de António Melo dedicado a Helena Cidade Moura, “A altiva senhora que queria ensinar a ler” (PÚBLICO, 26/7/2012), noto uma pequena falha que me pareceu interessante corrigir, pois, a propósito, se nos abre uma realidade anterior mas profundamente relacionada com o tema central do artigo – a alfabetização e a promoção da literacia do povo, que tanto motivou Helena Cidade Moura.

Diz-se no artigo: “Os pais e avós, de raízes alentejanas, entre Évora e Redondo eram proprietários abastados e a vida de Lisboa cedo se tornou o seu ambiente familiar”. Na verdade, “os pais e avós ... proprietários abastados”

não foi o caso! Tudo começou de um modo mais interessante.

O avô dela, e meu, era o “mestre” António Cidade, abegão (carpinteiro de carros de tracção animal), em Redondo, mas sem posses para mandar estudar os filhos. O mais velho, o Hernani Cidade, muito inteligente, foi mandado para o Seminário de Évora, onde se formou, tendo abandonado a carreira, no fim do curso, para prosseguir, a suas custas, os estudos universitários, enveredando pelo ensino liceal.

Mas muito antes desta fase, vemo-lo a lutar pela alfabetização no tempo da I República.

Fundou um jornal, em Redondo, o *Avante!*, de que foi, dizia com graça, director, jornalista e até ardina, pois a mensagem do jornal continuava-a ele fazendo a sua propaganda e ajudando na venda.

Mas o acto mais importante desta acção consistiu na escrita

de uma peça de teatro com o mesmo tema, intitulada *A Dupla Treva*, que foi representada no teatro de Redondo, pelo grupo de actores locais, com o resultado que vamos ver.

A peça apresentava uma família que, em certa altura, sofreu um conflito entre pai e filho de que resultou o afastamento definitivo deste, que emigrou para a África, de onde não deu mais notícias.

O pai envelheceu com o desgosto e as cataratas cegaram-no. Até que um dia veio de África uma carta. Ao sentir, nas mãos, a carta do filho, a emoção foi tão forte que “as

cataratas caíram” e ele pôde ver o texto... mas não o sabia ler!

E a cena acaba com uma neta, menina, a ler a carta ao avô que a ouve a chorar!

Chorou o avô no palco e o público na plateia do teatro de Redondo, num espectáculo que foi exemplo do poder do teatro como um dos meios mais eficazes na motivação de uma comunidade. Autor, actores e público todos eles da mesma comunidade a motivar para a importância da leitura. Perfeito!

Não podemos garantir que este passado do pai da Helena, na sua terra natal, tenha sido determinante da vontade dela se empenhar, como fez, nessa mesma luta. Mas uma associação entre estes factos é perfeitamente natural porque era esse o ambiente que vivíamos na casa do Prof. Hernani Cidade.

Hernani Felix Cidade Mourão, Lisboa



As cartas destinadas a esta secção devem indicar o nome e a morada do autor, bem como um número telefónico de contacto. O PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e eventualmente reduzir os textos não solicitados e não prestará informação postal sobre eles. Email: cartasdirector@publico.pt

Contactos do provedor do Leitor
Email: provedor@publico.pt
Telefone: 210 111 000

